

Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice

A view on the aging process: elderly's perception of old age

Viviane Cristina Fonseca da Silva Jardim^a
Bartolomeu Figueiroa de Medeiros^b
Ana Maria de Brito^c

Resumo

Embora seja evidente o aumento acelerado do número de idosos no Brasil, ainda se conhece muito pouco sobre a pessoa idosa, e até o momento outros atores têm falado pelos idosos, dando foco ao envelhecimento e à velhice como um processo negativo e homogeneizador. Percebendo-se a necessidade de desnaturalizar o fenômeno da velhice e considerá-la uma categoria social e culturalmente construída, este estudo buscou conhecer como os idosos representam a velhice, através de sua percepção do processo de envelhecimento. Utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa, evidenciando-se as imagens e representações dos idosos a respeito do envelhecimento. Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com dez idosos, de idade entre 60 e 85 anos (5 mulheres e 5 homens), orientadas pela seguinte pergunta: “Como você se vê no processo do envelhecimento?”. As informações permitiram apontar que, diferentemente da visão negativa e homogeneizadora do outro em torno da velhice, os idosos entrevistados vivenciam o processo do envelhecimento de formas diferentes e relatam a velhice como uma fase de prazer. Não se perceberam frustrações, conflitos e dramaticidade na forma de viverem a velhice. Também não foram identificados sentimentos de rejeição e/ou inferioridade face às mudanças e perdas.

Palavras-chave:

envelhecimento;
idoso; auto-imagem

Abstract

Although the number of elders grows rapidly in Brazil, little is known about this group, and up to now other agents have spoken for them, focusing on aging and old age as a negative and uniform process. Aware of the need to denaturalize

Correspondência / Correspondence

Viviane Cristina Fonseca da Silva Jardim
Rua Alberto Lundgren, 230, Bairro Novo
53030-200, Olinda-PE - Brasil
E-mail: vcfsj@cpqam.fiocruz.br

the phenomenon of old age and to consider it a social category, culturally built, this study sought to know the way elders represent old age, through their perception of the aging process. It employed a qualitative methodological approach, evincing images and representations of elders about aging. Data were collected through interviews with ten elders, aged from 60 to 85 years old (5 women and 5 men). The interview was guided by the question: "How can you see yourself in the aging process?". The information indicated that despite the negative and uniform vision of others about old age, these elders lived the aging process in different forms and considered old age a time of pleasure. No sentiments of rejection or inferiority were identified in relation to changes and losses.

Key words:

demographic aging;
aged; self-concept.

INTRODUÇÃO

O crescimento da população idosa vem acontecendo de forma progressiva no Brasil. Segundo dados do IBGE¹⁰ (2004), os valores da projeção dessa população seguem uma curva de crescimento acelerado. O aumento vem acompanhado de necessidades de políticas públicas que atendam adequadamente às perspectivas dos idosos, emergentes no país. Como o Brasil não se projetou adequadamente para atender às necessidades da população idosa, o envelhecimento é tratado como um "problema" e não como uma conquista, sendo os idosos vistos como um encargo para a família, para o Estado e para a sociedade. Afirmam Siqueira *et al.*¹² (2002) que o processo de envelhecimento populacional repercutiu e ainda continua repercutindo nas diferentes esferas da estrutura social, econômica e política da sociedade, uma vez que os idosos possuem necessidades específicas para obtenção de condições de vida adequadas.

A expectativa de vida sem dúvida aumentou, e este aumento se deu devido aos avanços ocorridos na saúde. Mas abrem-se questionamentos: como está vivendo o idoso

no país? Como a sociedade vê o idoso? Como o idoso se vê no processo de envelhecimento? Ainda se conhece muito pouco sobre a pessoa idosa e, segundo Minayo e Coimbra Jr.¹¹ (2002), até o momento outros atores têm falado pelos idosos, dando foco ao envelhecimento e à velhice como um processo negativo. Esses atores tentam falar a respeito, mas são carregados de estereótipos que impedem a construção de uma identidade positiva do idoso. Por isso, a maior necessidade é buscar conhecer a vida dos idosos, escutando-os a respeito de como se sentem nessa estrada, contando com a participação deles para a realização de seus anseios e para a construção de vida que lhes seja adequada.

Quando o outro define o envelhecimento e a velhice, percebe-se que o preconceito é uma característica marcante e são utilizados estereótipos negativos sobre a velhice. Conhecer a visão do idoso a respeito do envelhecimento e da velhice é importante para se construir representações positivas dessa fase, visto que muitos estudos realizados mostraram que os idosos não se sentem enquadrados nos estereótipos que os outros formulam sobre a velhice.

Pelo estudo realizado por Uchôa *et al.*¹⁴ (2002) na região de Bambuí, percebeu-se que o olhar do outro a respeito da velhice é carregado de negativismo, o que dá um caráter homogeneizador ao processo do envelhecimento. Em contraponto, o mesmo estudo mostra que, quando o idoso é interrogado a respeito do envelhecimento, relata histórias de vidas que positivam a velhice e mostram que é uma fase heterogênea, na qual cada idoso envelhece de forma diferente.

O envelhecimento e a velhice são tratados por meio de representações sociais dos próprios idosos, de seus familiares, de cuidadores e de profissionais de saúde. Conhecer como os idosos representam a velhice é uma proposta deste trabalho. Conhecer como se dão essas representações é importante para saber como esses atores sociais, que estão enfrentando essa fase, se vêem no processo do envelhecimento.

Que tal olhar nos impulse para uma busca mais profunda do conhecimento dessa população, sem idéias preconcebidas pela sociedade, mas idéias construídas pelas pessoas que já vivenciam essa etapa da vida.

Um olhar sobre a velhice

Delimitar velhice através de conceituações não é algo fácil, pois requer um conhecimento amplo de como os idosos estão inseridos no processo de construção social. A velhice, do ponto de vista biológico, é percebida como um desgaste natural das estruturas orgânicas que, com isso, passam por transformações

com o progredir da idade, prevalecendo os processos degenerativos (Caldas⁷, 2002). Tentar definir velhice usando apenas a visão biológica é cair num erro de demarcação meramente cronológica, tratando-se a população idosa de forma homogênea, não levando em consideração aspectos importantes do contexto sociocultural em que os idosos estão inseridos.

Uchôa *et al.*¹⁴ (2002) sustentam que o envelhecimento é vivido de modo diferente de um indivíduo para o outro, de uma geração para outra e de uma sociedade para outra. Conforme Debert⁸ (1999), a velhice foi tratada a partir da segunda metade do século XIX como uma etapa da vida caracterizada pela decadência e pela ausência de papéis sociais.

No imaginário social, o envelhecer está associado com o fim de uma etapa; é sinônimo de sofrimento, solidão, doença e morte. Dificilmente neste imaginário se vê algum prazer de viver essa fase da vida. O negativismo em torno do processo de envelhecimento foi construído historicamente na sociedade. Scott¹³ (2002) sustenta que a sociedade constrói diferentes práticas e representações sobre a velhice. Afirmam Heck e Langdon⁹ (2002) que o processo do envelhecimento apresenta variações construídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores.

Para tentar definir velhice, é importante a contribuição de outras áreas do conhecimento, que levem em consideração as diferenças socioculturais em que os idosos vivem. Para

Minayo e Coimbra Jr.¹¹ (2002), existe uma necessidade de desnaturalizar o fenômeno da velhice e considerá-la uma categoria social e culturalmente construída.

Recentemente, a visão sobre a velhice como fator orgânico foi perdendo força, e a velhice e o envelhecimento passaram a constituir objetos de reflexão da antropologia. A abordagem antropológica sobre a velhice visa a transcender particularismos culturais e encontrar alguns traços comuns do fenômeno que poderiam ser considerados universais. Segundo Uchôa *et al.*¹⁴ (2002), a antropologia deve interrogar sobre o papel de fatos socioculturais mais gerais na construção de uma representação da velhice arraigada nas idéias de deterioração e perda.

Muitos estudos mostram que a velhice é tratada como um problema social (político e/ou de saúde). Minayo e Coimbra Jr.¹¹ (2002) afirmam que no imaginário social a velhice sempre foi pensada como uma carga econômica, tanto para a família quanto para a sociedade, e como uma ameaça à mudança. Esta noção tem levado a sociedade a negar a seus idosos o direito de decidir o próprio destino. O que é uma exceção quando se fala do papel de respeito que o pajé tem em sua comunidade, bem como o idoso poderoso e rico na nossa sociedade.

A representação que os outros têm da velhice, como perda da autonomia, leva a um estigma de que o idoso é um problema social. O olhar do outro em relação à velhice é um olhar estigmatizado e negativizado. Mas será que esses idosos se vêem como um pro-

blema? O que eles pensam a respeito da estigmatização que lhe é imposta? Conforme Minayo e Coimbra Jr.¹¹ (2002), a visão depreciativa dos idosos tem sido alimentada pela ideologia produtivista que sustentou a sociedade capitalista industrial, na qual predomina a visão que se uma pessoa não é capaz de trabalhar e ter renda própria, não serve para uma comunidade ou país.

Tratar o envelhecimento como um problema social é um profundo desrespeito com aqueles que construíram e sustentaram uma sociedade, com seu poder de decisão e autonomia. E hoje, mesmo não querendo delegar seu direito de decisão a outros, suas opiniões são descartadas e eles são tratados como um encargo para a sociedade.

No Brasil, a idéia de que os idosos constituem um problema social vem sendo construída sobretudo pelo Estado, segundo avaliação de Minayo e Coimbra Jr.¹¹ (2002). Os formuladores de políticas públicas sempre trataram os idosos com abandono e des-caso: um exemplo foi o ex-presidente Fernando Henrique, que num pronunciamento chamou os idosos aposentados de vagabundos, quando ele mesmo se aposentou aos 54 anos.

Numa sociedade capitalista que visa à força física para a produção de bens e consumo é evidente um culto à juventude, que faz com que os idosos utilizem subterfúgios para garantir a eterna juventude e possível “beleza” que a sociedade tanto valoriza. É em torno desse culto à beleza que se firmam os mercados de consumo voltados para a população

idosa: cultura, lazer, estéticas, serviços de saúde, entre outros. Esse grupo social crescente promoveu mudanças nos diversos setores sociais – político, trabalho, economia e cultura – e atribuíram novo significado a seu espaço, muitas vezes percebido como de decadência física e inatividade.

Para redefinir o papel social do idoso, a expressão contemporânea usada é “terceira idade”, uma nova construção social referida entre a vida adulta e a velhice. Esta terminologia é usada para designar um envelhecimento ativo e independente.

Os idosos brasileiros estão construindo seu espaço de sociabilização e inclusão social, e se percebe um crescimento dos movimentos de aposentados e de terceira idade. O primeiro é um movimento mais político congregado por homens, enquanto que o segundo, sociocultural, reúne mais mulheres. Esses espaços de sociabilização são importantes na construção social da identidade do idoso durante a velhice, pois permitem uma interação dos mesmos, na busca de uma positividade da velhice que afaste a solidão e o preconceito, permitindo um envelhecimento ativo e independente.

Bassit¹ (2002), diz que as contribuições de diferentes histórias de vida podem estar paucitadas no pressuposto de que o envelhecimento é uma experiência diversificada e sujeita às influências de diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Segundo o mesmo autor, os idosos têm representação muito mais positiva sobre sua condição do que alguns especialistas em envelhecimento. Para ele, é

importante conhecer as necessidades e experiências de vida dos idosos com base em seus próprios relatos, para verificar quais são os pontos de vista entre o discurso dos idosos e dos outros em torno do processo de envelhecimento.

Com base em estudos realizados sobre a representação da velhice, verifica-se que o estigma negativo da velhice sempre vem na visão do outro; o próprio idoso vê o processo do envelhecimento como um tempo oportuno para a construção de algo novo. A positividade da identidade do idoso significa reconhecer o que há de importante nessa etapa de vida para desfrutá-la da melhor maneira. Mesmo com limitações, a velhice pode ser vista com alegria e não tristeza.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Com o objetivo de conhecer o olhar do idoso a respeito do processo de envelhecimento, utilizou-se uma abordagem qualitativa, evidenciando-se as imagens e representações dos idosos a respeito do envelhecimento. Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com dez idosos de idade entre 60 e 85 anos (5 mulheres e 5 homens), orientadas pela pergunta: “Como você se vê no processo do envelhecimento?”. Antes de cada entrevista foram explicados os objetivos do trabalho, a forma como os dados seriam tratados e o compromisso com a manutenção do anonimato dos depoimentos de vida. A pesquisa atendeu às normas éticas da Resolução nº 196/96, da CONEP, que norteia pesquisas envolvendo seres humanos.

Os participantes assinaram o termo de consentimento informado, e o estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães/Fundação Oswaldo Cruz.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nas entrevistas realizadas com os idosos, a velhice e o envelhecimento foram associados a diferentes problemas, entre os quais o mais evidente foi a relação da velhice com a doença, seguida de várias perdas e incapacidade.

“A velhice é a pior fase porque aparece muito problema. É doença em cima de doença, um dia dói o dedo do pé, um dia dói a cabeça, outro dia dói a perna [...]. É uma insônia danada, cochilo acordo [...]. A doença entra, mas para sair é nó cego. A pior doença é a velhice.” (J.A.B, masculino, 69 anos, aposentado).

Britto da Motta⁴ (2002) diz que as perdas são tratadas como problemas de saúde, expressas na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descoramento dos cabelos, “enfeimento”. Conforme refere uma idosa entrevistada:

“[...] eu me olho no espelho e me sinto diferente do que eu era quando era moça, me sinto mais feia, acabada, diferente da mocidade.” (J.S.F, feminino, 76 anos, aposentada).

Quando a velhice está associada à doença, os idosos tendem a representar imagens bem negativas da velhice, mas isto vai depender

do contexto sociocultural em que estão inseridos, visto que a velhice e o envelhecimento são processos social e culturalmente construídos. Quando são focalizadas as histórias de vida, surgem imagens bem mais positivas da velhice e do envelhecimento. Para outros idosos entrevistados, mesmo com a presença da doença, a velhice pode trazer felicidade, pois o convívio familiar com filhos e netos, bem como a autonomia para realizar as atividades, é algo prazeroso.

“Não estou com muita saúde, mas estou contente porque vivo com meus familiares [...] Não me arrependo do tempo que eu vivo, nem de coisa nenhuma. E minha vida é essa trabalhando sempre, quando me levanto da cama vou trabalhar, vou fazer meus serviços, no dia que eu posso faço, no dia em não posso, as meninas me ajudam. Acho a velhice muito boa.” (N.F.T, feminino, 82 anos, dona de casa).

É evidente a importância dada pelo idoso à família, pois é no convívio familiar que ele reafirma seu papel enquanto ser social, positivando a velhice e o envelhecimento. Barros² (2004) ressalta a importância da família como valor social e fundamental na sociedade, para a construção da identidade do idoso.

“Eu me sinto feliz porque tenho meus netos, meus filhos, todos são bons para mim.” (J.S.F, feminino, 76 anos, aposentada).

“Para mim está tudo bem, não há nada que eu não goste na velhice, o aparecimento dos problemas é normal. Eu gosto de todo o pessoal, gosto de toda a minha família e eles gostam de mim.

Para que melhor do que isso?” (L.M.F, masculino, 82 anos, aposentado).

“Me sinto feliz de ver a família trabalhando e o outro estudando para ter um dia melhor.” (C.H.T, masculino, 80 anos, aposentado).

O estigma de uma velhice associada à perda, doença e incapacidade que o outro tem a respeito da velhice muitas vezes é absorvido pelo próprio idoso. Este tende a não se olhar como velho, por não se enquadrar nesse estigma. Como relatou a seguinte idosa entrevistada:

“Não me acho velha, nem me sinto velha, as pessoas dizem que não aparento ter essa idade, não. Eu sou muito dinâmica, gosto de falar, de correr [...]. Idoso só por causa da idade, mas meu corpo, minha mente, não me acho idosa, não.” (J.L.S, feminino, 61 anos, professora aposentada).

Britto da Motta⁵ (1998), diz ser difícil reconhecer-se como velho, porque a velhice, na nossa sociedade, é sempre associada à decadência, muito mais que à sabedoria e experiência. Alguns idosos assumem para si esse estigma social e passam a ter um negativismo em torno do envelhecimento e da velhice.

“A velhice é muito ruim [...] Não queria ficar velha, não. Queria que Deus me tirasse antes de ficar velha.” (J.S.F, feminino, 76 anos, aposentada).

Percebe-se no depoimento acima que, embora a idosa esteja no processo do envelhecimento, ela não o aceita. Segundo Debert⁸ (1999), os idosos reconhecem que a velhice existe, mas não é aquilo que estão neles. Velho é sempre o outro.

Segundo Britto da Motta⁴ (2004), há naturalmente, por parte dos idosos, a clara percepção do processo do envelhecimento, tanto do corpo como da reação social a ele. A construção de identidades depende da construção das imagens do corpo. Afirmam Barros³ (1998) que o corpo e o uso de artifício para arrumá-lo fazem parte de uma forma de controle de expressão da velhice.

“Eu hoje caminhei do Derby até o Treze de Maio andando, fui para o médico, gosto de cuidar da minha saúde, faço ioga. Me sinto muito bem na velhice. Sou muito vaidosa gosto de me arrumar e sair arrumada. Se for para sair e não tiver o cabelo arrumado eu desisto [...]” (J.L.S, feminino, 62 anos, aposentada).

A preocupação com a manutenção da beleza do corpo físico é alimentada por uma sociedade capitalista que cultua a juventude como forma de beleza, atividade e poder. Britto da Motta⁶ (2004) diz que a referência ao envelhecimento e ao corpo é feita sobretudo às mulheres, porque do ponto de vista do gênero, as mulheres sempre foram avaliadas pela aparência física e pela capacidade reprodutiva.

É evidente a exclusão social do idoso em todos os meios sociais, pois o imaginário social construído em torno da velhice é arraigado de estereótipos e preconceitos, absorvidos pelos mais jovens e transmitidos aos idosos. É evidente como algumas pessoas da sociedade tendem a tratar os idosos de forma discriminatória e como alguém à parte na sociedade. Ao se perceber na velhice, o idoso

aponta para o preconceito que sofre na sociedade por ser velho.

“[...] Existe muita discriminação, se você vir, às vezes no ônibus o próprio motorista tem abuso de velho. Uma vez eu fui ao médico um tempo desse e ele me discriminou, eu fui fazer exame de pele para tomar banho na piscina do clube, em Aldeia e ele pegou minha camisa como que estivesse com nojo [...]. Outro dia fui no ônibus o motorista olhou para mim e disse vá lá para trás e eu disse vou descer logo lá na frente, tá com raiva de mim só porque sou velho [...]. Algumas pessoas discriminam, mas não são todas.” (C.H.T, masculino, 80 anos, aposentado).

O descaso com que é tratado o idoso em nosso país é algo evidente. Basta olharmos para nossas calçadas mal projetadas, os altos degraus dos ônibus, bem como o acesso dos idosos aos serviços públicos de previdência e saúde. O desrespeito com a pessoa idosa é relatado na fala deste idoso, sendo percebido no processo de envelhecimento como algo negativo.

“Eu me sinto muito bem na velhice. Se não fossem estes escândalos aí, esta falta de assistência aos idosos, a velhice seria melhor.” (L.M.F, masculino, 81 anos, aposentado).

A independência financeira é importante fator de positividade da velhice por parte do idoso, quando ele redefine o seu papel social, que muitas vezes é tirado do idoso pobre e dependente. Quando o idoso é uma pessoa que conquistou sua independência financeira, ele constrói uma visão da velhice como uma fase normal, no qual existem mais conquistas do que perdas.

“A velhice é uma coisa normal. Me acho uma pessoa normal. É uma coisa natural que vai acontecendo comigo, mas vai acontecendo com todo mundo. Você quando chega na velhice vai se tornando independente financeiramente e socialmente. É lógico que na juventude você tem um potencial energético maior, uma atividade maior, mas por outro lado você não está realizado financeiramente, nem socialmente, você está buscando e isso vai chegar numa certa idade.” (M.B.S, masculino, 62 anos, médico).

É importante levar em consideração que a associação da velhice com perdas e incapacidade, muitas vezes vista pelo outro, tem uma nova conotação para o idoso. Ele, ao se perceber na velhice, relata ser esta uma fase de muita atividade e prazer de viver, considerada como o momento mais tranquilo, livre e feliz de sua vida.

“Eu, graças a Deus, me vejo muito bem e feliz. O pouco que tenho dá para sobreviver mais ou menos, divido também com a família. Eu adoro trabalhar, as minhas costurinhas eu adoro, faço a comidinha de acordo com que gosto, faço com prazer. Gosto das minhas brincadeiras, passeio, adoro passear, adoro um forrozinho e por aí vai.” (M.B.M, feminina, 72 anos, aposentada).

Embora sejam evidentes algumas limitações na velhice, a percepção da maioria dos idosos entrevistados em torno da velhice não é uma visão negativa e homogeneizadora, como a do outro que define a velhice como uma fase de perdas, limitações e incapacidade. Cada idoso entrevistado percebe a velhice de forma diferente, o que dá uma conotação heterogênea ao

processo de envelhecer, em que o valor da vida é algo bastante importante.

“[...] o idoso tem mais cuidado com a vida do que os mais jovens, eu estou feliz por ser idoso. Nós nos cuidamos mais que os jovens, damos mais valor à vida.” (J. F.S., masculino, 64 anos, ambulante).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em realizar este estudo foi conhecer a percepção dos idosos em torno da velhice e do envelhecimento, a fim de ver como eles representam essa fase da vida. Muitas vezes a fala vem do outro (especialistas, jovens, familiares), que, ao definir a velhice, está carregado de estigmas e trata o envelhecimento de forma homogênea, dando um foco negativo a esse processo.

Partindo da hipótese de que a velhice é uma categoria social e culturalmente construída, na qual o processo de envelhecer se dá de forma diferente entre os indivíduos, buscamos no relato dos próprios idosos a representação da velhice e do envelhecimento, dando fala aos atores que vivenciam essa fase da vida.

Dos dez idosos entrevistados, apenas dois associaram a velhice a uma fase ruim da vida, devido ao aparecimento das doenças, limitações e mudanças no corpo. Os outros idosos, mesmo apresentando alguma limitação nessa fase, vêem a velhice de forma positiva. Foi evidente que a valorização do papel do idoso na família dá uma positividade ao processo do envelhecimento, bem como a capacidade para exercer atividades e a independência financeira.

Percebemos, também, que as mulheres idosas valorizam a imagem do corpo que está envelhecendo, diferentemente dos homens idosos. Muitas vezes o estigma do outro em torno da velhice é absorvido por alguns idosos, bem como o preconceito com o ser “velho” na sociedade é sentido pelo idoso.

Diferentemente da visão negativa e homogeneizadora do outro em torno da velhice, de maneira geral os idosos entrevistados vivenciam o processo do envelhecimento de forma diferente e relatam a velhice como uma fase de prazer, não sendo percebidos conflitos, frustrações ou dramaticidade na forma de vivenciarem a velhice. Também não foram identificados sentimentos de rejeição e/ou inferioridade face às mudanças e perdas.

Como estrutura etária dinâmica no processo de construção social, os idosos estão aos poucos redefinindo seu papel na sociedade. Através de sua visão a respeito do que é a velhice e como vivenciam o processo do envelhecer, podem mostrar à sociedade que a velhice não está associada só a perdas e incapacidades, mas a uma grande atividade na reconstrução de um imaginário que positivise a velhice e não estereotipe o “velho”. Na velhice são evidentes algumas limitações, mas não a ponto de incapacitar o idoso para a vida.

NOTAS

^a Enfermeira, especialista em antropologia da saúde, mestranda em Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz/ Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães. E-mail: vcfsj@cpqam.fiocruz.br

^b Doutor em antropologia social, professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais – UFPE. E-mail: antrop@npd.ufpe.br

^c Doutora em Saúde Pública, pesquisadora do CPqAM/Fiocruz. E-mail: anabrito@cpqam.fiocruz.br

REFERÊNCIAS

1. Bassit AZ. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.175-89.
2. Barros MML. Velhice na contemporaneidade. In: Peixoto CE, organizador. Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p.13-23.
3. Barros MML. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: _____. Velhice ou terceira idade? Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.113-68.
4. Britto da Motta A. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.37-49.
5. Britto da Motta A. “Chegando pra idade”. In: BARROS MML, organizadores. Velhice ou terceira idade? Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.223-35.
6. Britto da Motta A. Sociabilidades possíveis : idosos e o tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E, organizador. Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p.109-44.
7. Caldas CP. O idoso em processo de demência: o impacto na família. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.51-71.
8. Debert GG. A reinvenção da velhice. São Paulo: Edusp, 1999.
9. Heck RM, Langdon EJM. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.129-51.
10. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos e pesquisas, informação demográfica e socioeconômicas: síntese de indicadores sociais 2003. Rio de Janeiro: 2004. n.12
11. Minayo MCS, Coimbra Jr CEA. Entre a liberdade a liberdade e a dependência (introdução). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2002.
12. Siqueira RL, Botelho MIV, Coelho FMG. Velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. Ciência Saúde Coletiva 2002; 7(4): 899-906.
13. Scott RP. Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.103-27.
14. Uchôa E, Firmo JOA, Lima-Costa MFF. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.25-35.

Recebido para publicação em 07/10/2005

Accito em 17/7/2006